

O OLHAR DA FAMÍLIA SOBRE O AMBIENTE EDUCACIONAL EM QUE A PESSOA COM DI ESTÁ INSERIDA

Keylla Alexandra Coelho Souza (1); Iza Simone Rodrigues de Sousa (1); Marta Verônica da Silva Almeida (2); Marinilda Francisca de Lima Freitas (3); Amanda Micheline Amador de Lucena (4).

- (1) THE GRENDALE COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDALE keyllaalexs@gmail.com
- (1) THE GRENDALE COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDALE izasimone@hotmail.com
- (2) THE GRENDALE COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDALE martaveronicapsb@gmail.com
- (3) THE GRENDALE COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDALE marinildalima@yahoo.com.br
- (4) THE GRENDALE COLLEGE AND UNIVERSITY – UNIGRENDALE amandamicheline@hotmail.com

Resumo: A realidade vivenciada por pessoas com deficiências tem se tornado foco de estudos e discussões, principalmente no que diz respeito à sua inclusão educacional e social. Este estudo visa compreender a realidade vivida por uma aluna com DI e sua família, identificando as características de sua rotina, demandas e serviços de apoio existentes. Para isto, foi desenvolvido um estudo de caso para coletar informações sobre o cotidiano e dificuldades enfrentadas pela educanda no âmbito educacional e social. As informações foram repassadas através de entrevista realizada com a mãe da aluna. Verificou-se através da pesquisa, que se trata de uma mãe amorosa e atenciosa com a filha com DI, embora essa mãe tenha sinalizado que não acredita no processo de inclusão escolar da aluna em escola regular e é esse o motivo principal de manter essa educanda matriculada e frequentando uma escola especial. Embora a jovem com DI esteja em idade adulta, não está inserida no mercado de trabalho, é dependente economicamente da mãe e por parte da mãe não há perspectivas dela se enquadrar no mercado de trabalho. Concluiu-se que a aprendizagem dos conteúdos formais não é uma prioridade da mãe para a aluna, pois o que essa mãe deseja é que a ela aprenda ações práticas para que possa ter maior autonomia no seu dia-a-dia. A preocupação com seu bem estar e preservá-la distante dos preconceitos que ainda perpassam o ensino regular é a preferência dessa mãe para sua filha com DI.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual; Inclusão; Escola especial; Família.

1. INTRODUÇÃO

A política nacional de educação especial na perspectiva da Educação Inclusiva dispõe que o público alvo da educação especial é constituído por alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação (BRASIL, 2008).

O principal argumento da inclusão é assegurar que todos os cidadãos são membros importantes da sociedade, que a distinção e diversidade enriquecem a comunidade escolar, oportunizando novas aprendizagens, questionando os modelos anteriores de educação

segregada em que pessoas com deficiência eram subestimadas quanto a sua capacidade de se desenvolver cognitivamente e se adaptarem ao sistema escolar.

O tema Deficiência Intelectual tem sido abordado de diferentes formas, tanto no que diz respeito a sua capacidade de convivência social dentro e fora das Instituições de Ensino regular. Assim, esta pesquisa problematiza quais os motivos que levam os responsáveis por uma aluna com deficiência intelectual a excluí-la do ensino regular?

O quanto antes a família e ou a sociedade tiverem a consciência e aceitar a realidade de ter em seu convívio uma pessoa com deficiência, mais depressa começa a investir e estabelecer a relação com estes indivíduos.

De acordo com Glat (2004), a integração social desta pessoa depende em muito de que sua família lhe proporcione e permita usufruir o que é oferecido na comunidade; por isso é de grande importância entrar em contato com estas dinâmicas familiares para compreender da pessoa com deficiência; desta forma é importante que sejam realizados trabalhos de orientação a estas famílias, encorajando-os a oferecer maior independência e integração com a comunidade.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão, o processo de inclusão deve propiciar o direito de cada aluno constituir sua própria identidade, ao mesmo tempo em que deve saber reconhecer essa identidade, os direitos de igualdade e respeito às diferenças dos outros, uma maneira de diminuir a discriminação gerando a interação entre alunos de forma social, solidária, e de tolerância. Dessa maneira promovendo o desenvolvimento de todos os alunos sejam deficientes ou não (BRASIL, 2008).

Está descrito na Constituição Brasileira, no seu artigo primeiro “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”. “Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (BRASIL, 1988, p.142). Nesta perspectiva, todos têm direitos e devem ser respeitados, além disso, deve prevalecer a ideia da liberdade do pensamento, da expressão e da igualdade perante a lei. A conquista de frequentar a escola regular é um direito de todas as pessoas com deficiência intelectual e múltipla. E cabe aos responsáveis assumir suas responsabilidades e reconhecer que a escola é um dos meios de introduzir o DI no meio social e no convívio com outras pessoas.

2. METODOLOGIA

Para realizar este trabalho optou-se por desenvolver uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, pois teve-se como objetivo mostrar a realidade de uma aluna com DI no espaço familiar e no contexto de uma escola especial, para isso as discussões foram fundamentadas a luz de alguns autores que atuam na área do estudo.

2.1 - Tipo de Pesquisa

A pesquisa é de natureza básica e tem abordagem qualitativa. É um tipo de estudo sistemático motivado pela curiosidade intelectual, que se preocupa com o desenvolvimento do conhecimento pelo prazer de conhecer e evoluir cientificamente. Na concepção de Ferrari (1982), a pesquisa básica procura melhorar o próprio conhecimento, isto é, busca contribuir entender e explicar os fenômenos. Nela os pesquisadores trabalham para gerar novas teorias.

Quanto aos objetivos, essa pesquisa é de cunho descritivo, segundo Gil (2007) objetiva descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou ainda estabelecer relações entre variáveis, utiliza técnica padronizada de coleta de dados tais como o questionário e a observação sistemática. Em geral, assume a forma de levantamento. A pesquisa descritiva, como o próprio nome já diz tem o objetivo de descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Segundo Gil (2008), o estudo de caso consiste em um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. O autor acrescenta que neste tipo de estudo é necessário considerar variáveis e influências internas e externas e a investigação decorre em ambiente natural através de observações, entrevistas, questionários, registros de áudio entre outros.

O estudo de caso teve como foco uma aluna com deficiência intelectual e seu desenvolvimento, partindo da ideia de que a segregação desta aluna é um fato não compreensível, pois a inclusão em escolar regular preconizada por lei é a garantia que todos os alunos aprendam juntos, sempre que possível independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem.

2.2-sujeitos entrevistados

O alvo deste estudo foi uma jovem adulta 27 anos de idade com diagnóstico de Deficiência Intelectual sendo sua principal responsável (a mãe) a respondente. De acordo com Gil (2009), em um estudo de caso, a vantagem é particularmente importante quando o

problema de pesquisa requer dados que estão dispersos no tempo e no espaço, relacionados ao objeto de estudo. Na referida pesquisa a compreensão da realidade estará pautada nas respostas cedidas pela mãe da jovem citada.

2.3-Instrumentos e coleta de dados

Os dados foram coletados através da aplicação de um questionário e entrevista direcionados a mãe da aluna a cerca de suas concepções em relação às dificuldades encontradas por pessoas com DI.

Segundo Marconi e Lakatos, (1999) o questionário é um instrumento científico composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo um critério predeterminado e que tem por objetivo coletar dados de um objeto, individuo ou grupo de respondentes. Geralmente utilizado para obter informações sobre opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas ou ainda para descrever as características e medir determinadas variáveis.

Foi aplicado um questionário com 16 (dezesesseis) questões entre questões abertas e fechadas. O questionário utilizado possibilitou recolher informações que permitiram a obtenção e análise dos dados. Na presente pesquisa os dados foram analisados de forma discursiva através das falas da mãe da aluna, com intuito de detectar quais as dificuldades encontradas por essa aluna com deficiências intelectual, e como está acontecendo a sua inclusão educacional e social. Neste sentido as respostas foram trabalhadas sob à luz de autores que tratam do que foi abordado na questão, além da análise crítica reflexiva das pesquisadoras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentaremos o os questionamentos direcionados a entrevistada (mãe da aluna com DI), e discutiremos a exposição do posicionamento da mesma a respeito da deficiência intelectual e as dificuldades encontradas pela pessoa com essa deficiência e o porque seu afastamento do ensino regular.

Quadro 1. Questionamentos e respostas explanadas pela mãe da aluna com deficiência intelectual. Belo Jardim-PE, 2018.

<p>Em que fase, ou seja, com qual idade você descobriu que sua filha tinha DI?</p> <p>(x) Até os 12 anos () Entre 12 e 18 anos () Após os 18 anos</p>
<p>Quando você recebeu a confirmação (ou laudo) de DI, o que aconteceu?</p> <p>() Fiquei tranquila, pois isso acontece</p> <p>(x) Fiquei triste</p> <p>() Fiquei revoltada por saber a luta que eu iria enfrentar</p>
<p>Ao se deparar com a confirmação de DI de sua filha, qual foi sua ação no intuito de uma melhor qualidade de vida para ela?</p> <p>() Procurei atendimento especializado (equipe multidisciplinar)</p> <p>() Procurei o médico, pois preciso da receita dos remédios</p> <p>() Procurei o INSS em busca de um benefício</p> <p>(x) Outros. Quais?</p> <p><i>“Procurei um atendimento médico com neuropediatra e fonoaudióloga, mas não vi nenhum resultado. Então resolvi ir aos poucos ensinando eu mesma.”</i></p>
<p>Quanto à vida escolar de sua filha assinale e justifique a alternativa correspondente.</p> <p>() Ela frequenta somente a escola regular</p> <p>(x) Ela frequenta somente a escola especial</p> <p>() Ela frequenta a escola regular e a escola especial no contraturno.</p> <p><i>“Aos 10 anos de idade ela começou sua vida escolar, passou por várias escolas da rede privada. Só saiu da primeira por conta de sua idade e tamanho, pois era uma escola de educação infantil. Nas demais ocorreram alguns fatos que desagradaram tanto a “C”(referindo-se a aluna com DI) como a mim. Por fim surgiu a Escola Especial a princípio entendi que seu mundinho era ali.”</i></p>
<p>Qual o principal motivo de matricular a aluna na escola atual?</p> <p><i>“O motivo foi que no primeiro momento que “C” (referindo-se a aluna com DI) conheceu a Escola Especial, vi nos seus olhos um brilho que por outras escolas que ela passou eu não havia visto.”</i></p>
<p>Quais os suportes que a aluna recebe na escola?</p> <p><i>“Houve vários suportes como: Dentista, psicólogas e facilidade em qualquer consultas ou exames pelo SUS.”</i></p>



Você está satisfeita com o desenvolvimento de sua filha na escola atual?

“Bem o desenvolvimento em relação a aprendizagem de “C” (referindo-se a aluna com DI) não foi muito bem sucedida, mas na socialização estou plenamente satisfeita, pois atualmente ela é como todas as mocinhas em sua idade, sabe entrar e sair de qualquer ambiente e ocasião.”

A aluna frequenta outra Instituição? Qual? Tem algum suporte?

“Não”

Você já sentiu alguma dificuldade para matricular a aluna em alguma escola?

SIM

Não

Atualmente como e qual é a relação da aluna com a escola, e da escola com a família?

““C” (referindo-se a aluna com DI) graças a Deus tem um relacionamento muito bom com a escola, se dá muito bem com todos, desde o motorista até a gestora, sempre fala em todos e nos finais de semana percebo que existe até saudades. Quando ela falta há sempre a preocupação por parte da escola em saber o motivo.”

Você costuma levar sua filha para passeios a parques, praças etc.?

SIM

NÃO

“Sempre que posso e até mesmo quando não tenho condições arrumo um jeitinho para dar à “C” (referindo-se a aluna com DI) momentos de lazer que faz muito bem a ela.”

Cite quais são as evoluções da aluna (ao longo do tempo) quanto ao desenvolvimento educacional e social? Para a família foi significativo à permanência da aluna na escola especial?

“No aspecto educacional realmente não houve evoluções significativas, já no socioemocional com a iniciativa de colocar “C” (referindo-se a aluna com DI) na escola especial com uns dois anos já senti grandes evoluções, Já houve a satisfação de chegar em casa e ir logo fazer as tarefas, sentir vaidade com seu material escolar, seu lanche, tudo isso para mim já era uma grande evolução. Quanto a socialização não existe evolução maior que ir para qualquer local sem receio com a certeza de que ela irá se comportar da melhor maneira possível.”

No seu ponto de vista da família a aluna poderia desempenhar outras habilidades se tratando do processo educacional, caso fosse inserida na escola regular?

“No meu ponto de vista não só meu como mãe, mas também de seu irmão, tios e parentes, até que ela poderia, mas com alguns momentos desagradáveis que ela passou em algumas escolas regulares, chegamos à conclusão que o melhor para ela seria permanecer unicamente na escola especial e acima de tudo temos muita confiança na escola e nos profissionais de lá, pois com toda a evolução dela agradeço primeiramente a Deus e segundo a Escola Especial.”



Quais as principais dificuldades enfrentadas pela família no que diz respeito à aluna com DI?

“A maior dificuldade encontrada em “C” (referindo-se a aluna com DI) foi no seu aprendizado, pois além de ser uma aluna com DI ela é muito preguiçosa. Fora isso o preconceito que sabemos que existe, a exclusão sofrida por ela em uma das escolas regulares que frequentou entre outras.”

Como você descreve a aluna DI no seu contexto social e familiar?

“Hoje em dia só tenho o que agradecer todos os dias a Deus por ter uma filha maravilhosa, muito carinhosa, emotiva e muito linda, acredite hoje eu quase não vejo problema em “C” (referindo-se a aluna com DI) e sim uma benção de Deus.”

Para você o que significa Inclusão?

“Não gosto dessa palavra inclusão, acho que não dá certo, hoje é mais uma fachada querendo colocar as crianças de qualquer jeito na escola regular, a meu ver não há aproveitamento.”

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Pode-se concluir por meio das respostas dadas pela entrevistada, que apesar do choque ao tomar conhecimento que sua filha nascera com Deficiência Intelectual, a família não se rendeu aos sentimentos de revolta e ou tristeza, pelo contrario, a acolheram com o amor e cuidados que a mesma necessitaria. Dentro das condições e possibilidades desta família toda assistência foi e é até hoje prestada a esta aluna com deficiência intelectual. E quanto ao termo deficiência intelectual, Luckasson descreve:

Deficiência é caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, como expresso nas habilidades práticas, sociais e conceituais, originando-se antes dos dezoito anos de idade. (LUCKASSON, 2002, p. 8).

A introdução dela tanto na sociedade como na vida escolar foi a priori difícil, pois existia medo por parte da família da mesma sofrer algum tipo de rejeição, preconceitos, bullying e na realidade foi isso o que aconteceu em algum momento em que a aluna estava frequentando a escola regular. Sua vida escolar teve início em escolas da rede privada, por três fatores principais: a falta de assistência adequada em escolas da rede pública (na época); o protecionismo e receio da mãe (tinha medo de sua filha sofrer algum tipo de rejeição ou outro tipo de agressão); a adaptação da DI no ambiente escolar. Após a fundação da escola especial na rede municipal de ensino a família a matriculou nesta unidade escolar e percebeu que adaptação e aceitação de “C” naquele ambiente foi imediata, assim como os avanços na

aprendizagem. Segundo a mãe, isso se deve ao fato da aluna ter se identificado com o ambiente em todos os aspectos. O prazer da mãe ao falar sobre essa instituição e os avanços da filha desde que começou a frequentá-la é explicitado pela maneira que a mesma faz o relato, ressaltando que até a assistência médica de sua filha ficou de fácil acesso após a mesma estar matriculada e frequentando esta Escola Especial.

De acordo com a Política de Educação Especial afirma que:

A integração é um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica em reciprocidade. E sob enfoque escolar processo gradual e dinâmico que pode tomar distintas formas de acordo com as necessidades e habilidades dos alunos. Sob o enfoque psicossocial, via de mão dupla, envolvendo os portadores de deficiência e a comunidade das pessoas consideradas normais (1994, p. 18).

Embora a integração seja uma forma de trazer minorias para o todo, sabe-se que atualmente, o ideal é que se construa processos e interações inclusivas, onde se respeita a todos e suas particularidades.

As dificuldades são enfrentadas cotidianamente desde seu nascimento até os dias atuais, relata a mãe da DI. Apesar de todo o exposto, e levando em conta a deficiência, a família considera que vida da DI mesmo em meio suas limitações, é considerada normal, uma vez que a mesma possui vida social (sai sempre com sua mãe para eventos, festas populares, passeios entre outros programas), está devidamente adaptada na escola em que frequenta. Relata ainda que a maior dificuldade quanto ao desenvolvimento dela é a aprendizagem, nesse ponto leva-se em consideração os anos iniciais desta no ambiente escolar como sendo não adequados à mesma e as dificuldades que esta enfrentou nesse período. Ainda sobre a inclusão, a mãe deixa claro não acreditar na possibilidade de efetivamente ocorrer a aprendizagem significativa em uma sala de aula regular.

No âmbito da inclusão educacional em escolas da rede regular de ensino, ainda se constata dificuldades para implantar esse processo de forma eficiente e o despreparo atual da grande maioria dos profissionais da educação. Segundo Mantoan,

“O aluno com deficiência mental tem dificuldade de construir conhecimento como os demais e de demonstrar a sua capacidade cognitiva principalmente nas escolas que mantêm um modelo conservador de atuação e uma gestão autoritária e centralizadora.” (MANTOAN, 2006, p.120)

Na visão de Mantoan o educando com deficiência mental deve estar incluído em escola regular, entretanto essa escola deve estar preparada para atender esse público e isso inclui

capacitações e profissionais de apoio, inclusive materiais lúdicos adaptados as particularidades dos educandos. Contudo, observou-se que a mãe da aluna foi bastante enfática ao afirmar que não acredita da inclusão educacional de alunos com DI no ensino regular, pois ao responder: *“acho que não dá certo, hoje é mais uma fachada querendo colocar as crianças de qualquer jeito na escola regular”* demonstra o descrédito nas políticas públicas voltadas ao atendimento educacional de pessoas com deficiência intelectual na rede regular de ensino e, esse fato pode está relacionado as falhas e falta de ajustes que o processo de inclusão tem enfrentado, pois apenas matricular um aluno com deficiência na rede regular, não significa que ele terá um acompanhamento digno, onde se respeito suas limitações e promova suas potencialidades.

4. CONCLUSÃO

De acordo com os objetivos propostos no início desta pesquisa concluímos que os motivos que levam os responsáveis pela jovem com DI a matricular e a mantê-la em uma escola especial estão relacionados ao bem estar geral da aluna, ou seja: ela sente-se bem acolhimento por parte da escola, o medo de sofrer represália como havia sofrido em escolas regulares privadas. Isso deixa claro que essa mãe cuida com todo carinho, amor e dedicação e, percebe-se a satisfação da mesma com a escola, o que a leva a encarar com normalidade o fato da jovem não ter desenvolvido uma aprendizagem significativa quanto aos conteúdos curriculares e ainda complementa que a aprendizagem deficitária de sua filha deve-se em parte, a seu desinteresse dela. Mediante as experiências vividas tanto pela mãe como também pela aluna, a mesma explicita não acreditar no processo de inclusão escolar na rede regular, contudo na concepção da mãe, o êxito na escola especial no que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial de sua filha, tem importância considerável.

A discussão sobre inclusão da pessoa com DI é algo complexo e peculiar a cada situação, a cada indivíduo e principalmente a cada família. Deparar-se com opiniões divergentes é mais comum do que se imagina. Portanto tratar de inclusão em um país com tantos problemas educacionais nos faz perceber o quanto evoluímos, e conseqüentemente o quanto ainda é preciso evoluir. Neste sentido a Inclusão é algo que necessita ser avaliada e analisada significativamente, buscando sempre garantir os direitos já conquistados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenadoria Nacional para integração da pessoa Portadora com Deficiência. **Declaração de Salamanca e linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília, Corde, 1994.

____ **Constituição Federal**. Brasília/DF, 1988.

BATISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Educação Inclusiva: atendimento educacional especializado para deficiência mental**. Brasília, MEC/SEESP: 2006.

GLAT, R. **uma família presente e participativa**; o papel da família no desenvolvimento e inclusão social da pessoa com necessidades especiais. Anais do 9º Congresso Estadual da APAES de Minas Gerais.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Maria Cecília de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MEC/SEESP – BATISTA, Cristiana Abranches Mota et al. **Educação Inclusiva: atendimento educacional especializado para deficiência mental**. Ed. Brasília: 2006

TRUJILLO FERRARI. Afonso, **metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: MC GRAW-HILL do Brasil. 1982.